

A SERVIÇO DA CATEGORIA

Jornal do SINTUFRJ

www.sintufrj.org.br

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

FASUBRA CUT

REAJUSTE DE MAIO

Medida provisória esta semana

Cerca de 160 mil técnicos-administrativos em educação estão na expectativa de ver editada a medida provisória que regulamenta o acordo

firmado entre governo e Fasubra no ano passado. A medida vai determinar reajuste salarial a partir de maio. A MP, que será encaminhada ao

Congresso Nacional, segundo o ministro do Planejamento, vai beneficiar também mais de 800 mil servidores.

PÁGINA 2

Marcha Nacional no dia 26

Várias entidades representativas dos servidores públicos participarão da marcha do

funcionalismo federal, estadual e municipal, nesta quarta-feira, 26, na Esplanada dos Ministérios, em

Brasília. O SINTUFRJ participa com uma delegação de 50 pessoas.

PÁGINA 3



Terra e democracia

O principal dirigente do MST, João Pedro Stédile, acha inaceitável que bancos comprem mais terras no sul do Pará do que as terras desapropriadas pelo governo Lula nos últimos três anos. Stédile afirmou que a reforma agrária popular deve começar com a democratização da propriedade da terra e do acesso a esse bem da natureza que é de todos, e inclui a “democratização da água”. As declarações foram feitas durante aula magna que o dirigente proferiu na UFRJ. Ao seu lado, o reitor Aloísio Teixeira disse que a presença de Stédile na instituição “tem um efeito simbólico, porque é o reconhecimento da UFRJ de que não produzimos todo o conhecimento”. PÁGINA 8



Jornada de trabalho

A Campanha Nacional Unificada pela Redução da Jornada sem Redução de Salário foi lançada oficialmente no Rio, dia 18, no Largo da Carioca. PÁGINA 3

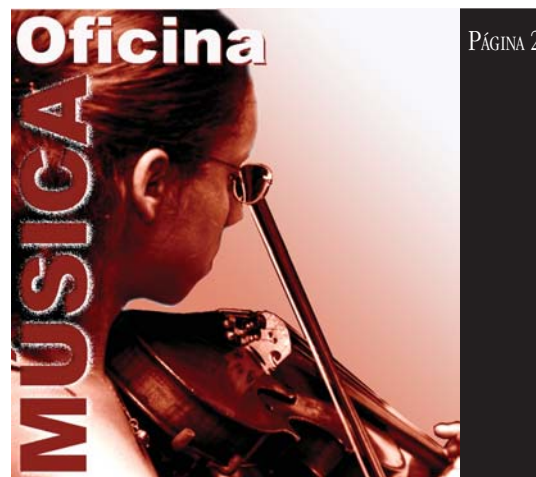


Mosquito assassino

Dengue mata no Rio. Autoridades negam, mas epidemiologista afirma que Rio já vive epidemia da doença. PÁGINAS 6 E 7

Fórum de Educação

O SINTUFRJ enviará uma delegação para participar do Fórum Mundial de Educação a se realizado no fim de semana em Nova Iguaçu. O tema central do encontro internacional será “educação cidadã”. O objetivo da edição deste ano do Fórum é a construção de uma “cidade educadora”. A reunião se transformará num evento político vigoroso para refletir sobre um dos problemas que resultam em desigualdade social. PÁGINA 2



PÁGINA 2

DINHEIRO NO BOLSO

Medida provisória deve sair esta semana

O movimento sindical está na expectativa de ver editada a medida provisória que regulamenta os acordos firmados e reajusta as tabelas do funcionalismo público. Segundo anúncio do ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, a MP será encaminhada ao Congresso Nacional até final de março e beneficiará 800 mil servidores.

A nova estrutura de remuneração dos técnicos-administrativos da UFRJ e demais universidades federais varia entre 20,84% e 82,72%, e será implementada em três etapas: maio de 2008, julho de 2009 e julho de 2010.

O reajuste no contracheque de maio será pago no início de junho.

A novidade do acordo é que os técnicos passam a ter direito a plano de saúde com uma contrapartida a ser paga pela União, a exemplo do que já ocorre com as demais categorias do serviço público federal.

A Fasubra, conforme previsto no acordo firmado com o governo depois da greve de 2007, ainda tem a negociar a racionalização dos cargos (correção de problemas originados com a organização dos cargos nas classes) e os percentuais de incentivo à qualificação.

Nesta terça-feira, 25, está marcada a nova reunião entre a Federação, Planejamento e MEC para tratar destas questões.

Quando for editada a MP, será encerrada uma primeira etapa de negociação com o governo e os trabalhadores, coroando sua mobilização, principalmente os das universidades, que pressionaram durante três meses pelo cumprimento dos acordos firmados. Com o fim da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira) o governo ameaçou congelar os reajustes salariais negociados em 2007 e suspendeu o

envio dos projetos de lei para os reajustes e reestruturações das carreiras do funcionalismo até a aprovação do Orçamento da União.

Professores

Os professores das universidades federais, com a MP, começam a receber já no próximo mês. Os reajustes também serão implementados em três etapas: março de 2008, julho de 2009 e julho de 2010. Serão unificados os VB (vencimento básico), a gratificação de atividade executiva (GAE) e a vantagem pecuniária individual (VPI).



Como tocar um instrumento

A Oficina de Música do SINTUFRJ está oferecendo um curso de Iniciação Instrumental de violão, cavaquinho e banjo, para iniciantes, com duração de três meses, para associados e seus dependentes diretos (filho/a, esposo/a, enteado/a) desde que declarados no IRRF/2006 ou na UFRJ. O curso é gratuito e destinado àqueles que nunca tocaram esses instrumentos ou que já tenham tentado, mas não foram adiante. As vagas são limitadas. Caso haja mais candidatos que vaga, faremos um sorteio público no dia 2 de abril, às 17h, na sede do SINTUFRJ.

Haverá turmas no campus do Fundão (Espaço Cultural) e no campus da Praia Vermelha (subsele). Confira abaixo os dias, horários para inscrição e funcionamento do curso, e a quantidade de vagas em cada campus:

Campus do Fundão:

Quartas-feiras, das 17h às 19h30, no Espaço Cultural do SINTUFRJ: 11 vagas para violão e 9 vagas para cavaquinho/banjo.

Campus da Praia Vermelha:

Quintas-feiras, das 18h às 20h30, na subsele do SINTUFRJ: 7 vagas para violão e 12 vagas para cavaquinho/banjo.

As aulas serão uma vez por semana e o curso será realizado de 9 (Fundão) e 10 (Praia Vermelha) de abril até 9 (Fundão) e 10 (Praia Vermelha) de julho, respectivamente. Mais informações e inscrições na sede e subseles do SINTUFRJ.

INSCRIÇÕES
ABERTAS!

UFRJ: 180 vagas para técnicos-administrativos

A Pró-Reitoria de Pessoal já elaborou, em reunião com o conjunto da equipe da administração, a destinação das 180 vagas para concurso de técnico-administrativos liberadas no início do ano pelo governo, para os centros, Fórum de Ciência e Cultura e Administração Central.

A maior parte das vagas (82) são para assistentes em administração, profissionais distribuídos para todos os centros, seguidas das de bibliotecários e documentaristas para o Sibi (14), assistentes sociais (7), arquivistas (7) para diversas unidades e produtores culturais (7), e técnicos em assuntos educa-

cionais (6) para a Creche. Estão previstas ainda 5 vagas para engenheiros para a Prefeitura e 1 para médico para a DVST, entre outras para inúmeros cargos.

A proposta de destinação será levada ao Conselho Superior de Coordenação Executiva, e o número de vagas e cargos está definido e o edital deve sair em breve. O resultado do concurso tem que ser homologado até o dia 4 de julho. Segundo o pró-reitor de Pessoal, Luiz Afonso Mariz, a idéia é realizar as provas em maio.

Essas vagas não têm relação com o Programa de Reestruturação e Expansão da UFRJ, que ainda serão destinadas pelo governo.

Veja a previsão

- **Administração central** – 25 assistentes em administração; 4 analistas de tecnologia da informação; 2 arquitetos e urbanistas; 2 assistentes sociais; 5 engenheiros/área; 4 jornalistas; 1 médico; 2 produtores culturais; 1 programador visual; 1 redator; 6 técnicos em assuntos educacionais e 1 tradutor e intérprete.
- **CCMN** – 6 assistentes em administração, 1 técnico em contabilidade, 1 físico, 2 geólogos e 1 químico.
- **CLA** – 5 assistentes em administração, 2 arquivistas, 1 contador, 1 músico, 1 restaurador/área.
- **CFCH** – 16 assistentes em administração, 1 arquivista, 4 assistentes sociais, 1 coreógrafo, 1 diretor de fotografia, 1 psicólogo, 1 roteirista.
- **CCJE** – 9 assistentes em administração, 1 arquivista, 1 contador, 1 historiador.
- **CT** – 5 assistentes em administração, 1 técnico em contabilidade, 1 arquivista, 1 contador, 1 museólogo, 2 químicos.
- **FCC** – 14 bibliotecários/documentaristas, 1 biólogo, 1 museólogo, 2 pedagogos, 5 produtores culturais.
- **CCS** – 14 assistentes em administração, 2 técnicos de laboratório/área, 2 técnicos em contabilidade, 2 arquivistas, 1 assistente social, 3 biólogos, 1 contador, 1 farmacêutico-bioquímico, 7 farmacêuticos/habilitação, 1 químico.

Fórum Mundial de Educação começa dia 27 de março

O Fórum Mundial de Educação Baixada Fluminense 2008, de 27 a 30 de março, traz como tema central a “educação cidadã”. O objetivo desta edição do fórum é a construção de uma “cidade educadora”, por meio do investimento

em projetos político-pedagógicos aplicados à educação formal e não-formal. Os eixos temáticos são: Educação, cultura e diversidade; Ética e cidadania em tempos de exclusão; Estado e sociedade na construção de políticas públicas.

GT-Educação

O SINTUFRJ convoca para reunião do GT-Educação a ser realizada nesta terça-feira, 25 de março, a partir das 14h, na subsele do HU.

Em pauta a organização da participação do Sindicato no Fórum Mundial de Educação de Nova Iguaçu.

Reunião do Conselho Fiscal

A reunião do Conselho Fiscal será realizada todas as quartas e quin-

tas-feiras, das 9h às 17h, na sede do Sindicato, até o mês de julho.

LUTA NACIONAL

Redução de jornada sem redução de salário

Ato no Centro da Cidade organizado pelas centrais sindicais lança Campanha Nacional Unificada para alterar a jornada de trabalho

A Campanha Nacional Unificada pela Redução da Jornada de Trabalho sem Redução de Salário foi lançada oficialmente no Rio, dia 18, no Largo da Carioca, centro da Cidade, pelas seis centrais sindicais que integram a campanha. Um dos principais objetivos da campanha é alcançar ao menos um milhão de assinaturas a favor da redução de horas trabalhadas. No estado a meta é angariar 100 mil assinaturas.

“É o nosso desafio. E com certeza vamos mobilizar para ultrapassar esta meta. É um direito, principalmente para a mulher, que é a mais prejudicada e enfrenta também outros turnos como o doméstico”, anunciou do carro de som a presidente da CUT/Rio, Neuza Luzia. No Largo da Carioca concentraram-se lideranças das centrais e militantes para divulgar a campanha e iniciar o recolhimento de assinaturas. Dirigentes do SINTUFRJ participaram da mobilização, panfletando e colhendo assinaturas.

O abaixo-assinado apóia a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) no 393/01, que tramita no Congresso Nacional e inclui metas graduais de redução até atingir 36 horas semanais. Atualmente, a jornada legal do trabalhador brasileiro é de 44 horas. As centrais pretendem entregar as assinaturas no dia 1º de maio.

A campanha nacional foi lançada em janeiro, em São Paulo, e está sendo convocada pela CUT, Força Sindical, Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB), Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), Nova Central Sindical dos Trabalhadores (NCST) e União Geral dos Trabalhadores (UGT).



MILITANTES do movimento sindical (entre eles, diretores do SINTUFRJ) colheram assinaturas de transeuntes em apoio à emenda constitucional que defende a redução da jornada



Fotos: Cícero Rabello

NAS RUAS. Manifestação no Largo da Carioca, centro da Cidade, para apoiar a Emenda Constitucional nº 391/01

Um dos objetivos da campanha é alcançar ao menos um milhão de assinaturas

Mais empregos e qualidade de vida

Segundo estudo do Departamento Intersindical de Estudos Socioeconômicos (Dieese), a redução da jornada tem o potencial de criar, numa primeira etapa, 2,2 milhões de novos postos de trabalho no país. E com o fim das horas-ex-

tras, ou sua limitação, haveria um potencial de geração de 1,2 milhão de postos de trabalho. Somando, seriam criados pelo menos 3,4 milhão de novos empregos. Com a redução, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o trabalhador ga-

nhará qualidade de vida. Ele terá mais tempo livre para o lazer, educação e para a família. Vários países já adotaram o sistema de redução da jornada com sucesso, como Argentina (39,2h), Espanha (35,7h), Canadá (31,9h) e EUA (40,5h).

Marcha Nacional do Funcionalismo

Várias entidades representativas dos servidores públicos participarão da marcha do funcionalismo federal, estadual e municipal, nesta quarta-feira, 26, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. O ato terá como eixos principais a ratificação das Convenções 151 e 158 pelo Congresso Nacional, a manutenção das negociações com o governo e a preservação dos acordos e compromissos assinados por ele em 2007.

O SINTUFRJ participa com uma

delegação de 50 pessoas. O ônibus sairá às 10h do dia 25, terça-feira, da sede na Ilha do Fundão. A marcha está marcada para as 10h de quarta-feira. Ela percorrerá a Esplanada dos Ministérios, com uma parada no Congresso Nacional. Haverá manifestação em frente ao Congresso e ato no seu interior. O objetivo é pressionar os parlamentares para que as Convenções da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sejam aprovadas o mais rápido possível e fortalecer

a posição do funcionalismo quanto à continuidade das negociações ainda em curso.

No caso da Fasubra, existe uma agenda marcada em que vêm sendo negociados os desdobramentos do acordo firmado no que se refere à racionalização (correção de problemas originados com a organização dos cargos nas classes do Plano de Carreira) e incentivo à qualificação (melhoria dos percentuais). No dia 25 de março nova reunião para tra-

tar destas questões será realizada entre Fasubra, Ministério do Planejamento e MEC.

Convenções

A Convenção 151 trata das relações trabalhistas entre o governo e os servidores e a Convenção 158 defende os trabalhadores de demissão imotivada, abrangendo todos os ramos da atividade econômica e todos os trabalhadores assalariados. As Convenções 151 e 158 já têm relato-

res na Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados.

A luta do movimento sindical é que elas virem lei com a aprovação no Congresso Nacional. O trâmite é o seguinte: depois de aprovadas na atual comissão, as Convenções serão transformadas em projeto de decreto legislativo e posteriormente examinadas pelas Comissões de Trabalho; e de Constituição e Justiça, antes de serem votadas no plenário da Câmara.

DOIS PONTOS

Caurj prorroga prazo de adesão

A Caixa Assistencial Universitária do Rio de Janeiro (Caurj) prorrogou para o dia 31 de março a data-limite para a adesão ao plano de saúde com isenção de carência. “Já houve um entendimento prévio com a Pró-Reitoria de Pessoal (PR-4) e o Sindicato sobre a necessidade de prorrogarmos o prazo até o dia 31”, informou o diretor da Caurj, Luiz Eduardo Pestana. Ele afirmou que se houver necessidade, novas negociações poderão ocorrer. “Mas será tudo conversado, pois prorrogações geram custos”, afirmou.

O superintendente da PR-4, Ro-

berto Gambine, informou que até o dia 10 de março foram cadastradas 130 vidas. De acordo com a superintendente da Caurj, Alessandra Capetini, esse número cresceu na última semana, com uma expectativa pelo menos mais 300 vidas. “Mas só poderemos divulgar os números oficiais na próxima semana, quando terminaremos a computação dos dados”, afirmou Alessandra.

Reunião com o Planejamento

A Caurj promoveu um encontro nos dias 19 e 20 de março com

representantes das Caixas Assistenciais à Saúde das IFES, envolvendo as Universidades Federais de Minas Gerais, do Paraná, de Viçosa, da Bahia, de Mato Grosso do Sul e a UFRJ. Também participaram do evento representantes dos sindicatos, o superintendente da PR-4 e o coordenador-geral de Seguridade Social e Benefícios do Ministério do Planejamento, Sérgio Carneiro.

No encontro, o representante do Planejamento informou que o Ministério realizará no dia 3 de abril um encontro em Brasília

com representantes dos sindicatos, servidores, caixas assistenciais e o governo para discutir os pontos considerados mais polêmicos da portaria, para “averiguar se precisará haver mudanças no documento”, disse.

Aumentos graduais até 2010

Em entrevista ao Jornal do SINTUFRJ, Carneiro informou que o Ministério tem nas suas previsões orçamentárias aumentos graduais do benefício governamental para a saúde até 2010. “Este aumento para R\$ 50 já é o

primeiro de uma série que estaremos promovendo nos próximos três exercícios, para a equiparação do benefício aos valores praticados no mercado”, afirmou. Ele disse, ainda, que em breve os técnicos-administrativos receberão o valor corrigido do benefício. “Legalmente ainda não foi distribuído por questões burocráticas, mas o valor de R\$ 50 está aprovado em todas as instâncias do governo”, disse. De acordo com Carneiro, há previsão de que o benefício se estenda aos docentes num prazo máximo de 3 anos.

Iesc: Chapa 2 vence eleição



Cícero Rabello

HELOISA PACHECO, nova diretora do Instituto

A Chapa 2, liderada pela professora Heloisa Pacheco Ferreira, venceu a eleição do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (Iesc). A vencedora concorria com a Chapa 1, liderada pelo professor Ronir Raggio Luiz, que perdeu por uma diferença de 20 votos. Os 132 votantes elegeram a Chapa 2 com 76 votos a 56.

Esta é a primeira vez que o instituto tem uma eleição disputada por duas chapas. “Em toda a história do Iesc sempre tivemos chapa única concorrendo às eleições”, comentou a técnica-administrativa e membro da comissão eleitoral do Iesc, Simone Silva. O pleito foi realizado nos dias 17, 18 e 19 de março.

Orçamento 2008

A proposta orçamentária da Reitoria para 2008 foi aprovada pelos membros do Conselho Universitário na sessão de quinta-feira, dia 13.

No orçamento preparado pela Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento da UFRJ (PR-3), as despesas pre-

vistas são de R\$146.655.869; considerando a despesa corrente de R\$ 129.325.190 e a dívida de 2007, de R\$ 17.303.679. Os recursos são de R\$ 106.901.059 - R\$92.170.108 do Tesouro; R\$ 14.730.951 de receita própria. O déficit no custeio é de R\$ 31.944.778.

Como nos outros anos, o montante de recursos previstos para a Universidade é insuficiente. A previsão do déficit inclui pagamento de contratos – energia, limpeza, manutenção, telecomunicações, vigilância, água e esgoto, passagem – e bolsas.

Seminários

• “A universidade e os seus lugares de memória” é o tema do seminário que será realizado nos dias 15 e 16 de abril, no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. Informações e inscrições pelo site www.sibi.ufrj.br ou pelo

e-mail antoniojose@sibi.ufrj.br.

• “Olga 100 anos Prestes 110 anos” é o seminário organizado pelo Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ (Amorj), de 25 a 27 de março, no Instituto

de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS). Será concedido certificado aos estudantes inscritos e presentes às três mesas programadas. Mais informações pelo telefone 2224-8965, ramal 250 ou na página www.amorj.ifcs.ufrj.br.

Colóquio na Casa de Rui Barbosa

A série de colóquios sobre cultura, trabalho e natureza na globalização, que acontecerá na

Fundação Casa de Rui Barbosa, a cada mês, começa dia 28 de março. São oito colóquios, das

14h às 17h30, e a entrada é franca. Mais informações pelo telefone 3289-4636.

Plantão trabalhista suspenso

A área trabalhista do Departamento Jurídico realiza um mutirão para despachar todos os kits

relativos a atividades insalubres e perigosas. Por esta razão os plantões trabalhistas estarão suspensos

nesta segunda-feira, 24, 31 de março e 7 de abril. As atividades serão retomadas no dia 14 de abril.

Celso Furtado em filme

O documentário *O Longo Amanhecer – Cinebiografia de Celso Furtado*, de José Mariani, foi exibido na terça-feira, 18 de março, em pré-estréia na sala Moniz Aragão do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. O filme,

que entrará em circuito esta semana, traz depoimento de vários contemporâneos do economista que foi ministro do Planejamento do governo João Goulart. Celso Furtado nasceu em 1920 no sertão da Paraíba. Sua principal

obra – *A Formação Econômica do Brasil* – é referência no país e no exterior. Durante a Ditadura Militar, ele foi banido da vida brasileira. Durante anos foi professor na Universidade de Sorbonne, em Paris, França.

ESPECIAL – A MULHER EM BUSCA DE SEU ESPAÇO IV

Mônica: ação nos bastidores

“Está na hora do Sindicato adotar novas práticas se quiser realmente se reaproximar mais dos trabalhadores”, diz Mônica

Ela fala pouco, nunca eleva o tom da voz e não gosta de palanque. Dificilmente será vista empunhando microfone em assembleia. Mas desde 1987 – na época estagiária da Pró-Reitoria de Pessoal – está presente nas lutas da categoria, assumindo tarefas que a maioria dos ativistas não gosta de desempenhar – por falta de vocação ou por considerá-las chatas. Este é o perfil da militante Mônica Conde, formada em administração e uma das profissionais de frente da estratégica Comissão de Vestibular da UFRJ – responsável pelo concurso que permite o ingresso de cerca de 6 mil alunos todos os anos na universidade.

Nos bastidores da luta

Desde o início da militância na UFRJ, Mônica atua nos bastidores do movimento. Suas habilidades de administradora são postas a serviço das lutas da categoria. “Sempre atuei na retaguarda, cuidando da logística e das finanças. Sou muito útil em épocas de campanhas eleitorais do Sindicato e de grandes mobilizações. Não sou de palco, não gosto de falar em microfone”, afirma.

Mônica ingressou no quadro funcional da Universidade em 1989. Em 1994 ou 1995, não se lembra bem, chegou à Comissão de Vestibular, de onde foi afastada pelo reitor Henrique Vilhena, integrando-se à equipe que preparava a vinda do Instituto de Doenças do Tórax (IDT) do Caju para o Fundão. Quando saiu da Comissão de Vestibular, no fim dos anos 90, Mônica teve tempo para se dedicar mais ao movimento sindical. Ela conta que sua maior contribuição à organização da categoria, e maior experiência como militante, foi vivida quando assumiu a direção da entidade.

Com orgulho de militante, Mônica garante que na sua gestão



Foto: Cícero Rabello

MÔNICA. No tempo em que foi diretora do SINTUFRJ, ela teve passagem marcante na área de finanças do Sindicato

a maioria das dívidas foi acertada e fechado acordo com o INSS sobre os débitos trabalhistas. E acrescenta: “Conseguí realizar bem o trabalho que me dispus a fazer pelo nosso Sindicato porque tive o apoio dos outros coordenadores e a colaboração de todos os funcionários, principalmente da Secretaria”, fez questão de registrar a ex-dirigente sindical.

Mas para Mônica militante, o maior mérito da sua passagem pelo Sindicato foi ter conseguido sanear as dívidas: “A estrutura profissional que montamos permanece até hoje, e uma das responsáveis por isso é a Soraya Rodrigues, que coordenou comigo a CAF e continuou na direção do Sindicato por mais um mandato. Ela também é administradora e deu continuidade à profissionalização do setor.”

Hora de mudanças

Como todas as outras militantes, Mônica relembra com saudades as greves históricas, como as da década de 1980. Tempos de mobilização que também acredita não se repetirão. “Vivíamos uma utopia, a gente tinha convicção que com a nossa força mudaríamos tudo. Não vejo isso hoje nos movimentos em geral e nem nos funcionários da UFRJ. Os governos são responsáveis por esse desalento generalizado, fomos vencidos pelo cansaço. São muitas greves sem resultado prático algum e isso desestimula a categoria, principalmente as pessoas sérias que estão na Universidade todos os dias”, afirma. “Também não vejo qua-

dros como os de antigamente, que se envolviam na luta com paixão. São muitas ações pragmáticas e nenhuma de coração”, observa.

Mônica admite que ela própria vai muito menos vezes às assembleias: falta de tempo pelo enorme volume da agenda da Comissão de Vestibular. O outro motivo, admite que é pessoal: “Chega uma hora que é preciso cuidar mais da vida pessoal, o que não significa que mudei de opinião em relação à luta.”

Na avaliação da militante, está na hora do Sindicato adotar novas práticas se quiser realmente se reaproximar mais dos trabalhadores: “A categoria precisa ter um outro motivo, além da luta, para

ficar mais próximo da sua entidade de classe. A direção sindical precisa pensar em oferecer um espaço, uma estrutura para realizar eventos e oferecer lazer aos sindicalizados, e onde se acabe também discutindo as questões de interesse de todos. O que se vê, atualmente, é a categoria entrar em greve e ir para casa. Isso sempre aconteceu, só que agora é em escala maior. Acho, por exemplo, legal as oficinas como as de dança, assim como o pré-vestibular. Porém, acho que o Sindicato tem que dar mais importância a essas atividades e estimular a participação dos técnicos-administrativos.”

Pesquisa sobre transporte interno

O Laboratório de Diagnóstico em Opinião, do Fórum de Ciência e Cultura, está realizando uma pesquisa para medir a satisfação dos usuários do transporte interno da UFRJ. O estudo foi encomendado pela Prefeitura Universitária e é coordenado pela professora Virgínia Afflalo. O vice-prefeito Ivan Carmo informou que algumas preocupa-

ções e problemas foram percebidos a partir das audiências públicas realizadas no ano passado. “Esses primeiros retornos nos possibilitaram minimizar alguns problemas e resolver outros. A partir disso tivemos a idéia de realizar uma pesquisa para medir o que não tínhamos conhecimento”, disse.

A pesquisa tem uma vertente

qualitativa, que é saber sobre a qualidade do serviço prestado e as sugestões dos usuários, e uma vertente quantitativa, que pretende verificar quantos e quem são esses usuários. “Conhecendo o perfil desse público poderemos afinar os serviços de acordo com suas reais necessidades”, disse Carmo. A pesquisa está na sua segunda fase, que é a

entrevista, via questionário, aos usuários nos ônibus. A próxima coleta de dados ocorre entre os dias 25 e 28 de março.

Importância para nova licitação

Carmo informou que em breve haverá uma nova licitação para o transporte interno e é preciso que

no novo edital já estejam previstas algumas soluções. “Este será um importante uso dos resultados da pesquisa. Além disso, os resultados certamente serão úteis ao Plano Diretor”, afirmou. Ainda não existe uma prévia dos resultados. “Esses dados deverão estar disponíveis em 15 dias após o dia 28 de março”, explicou.

SITUAÇÃO ALARMANTE NA CIDADE

Dengue: 1.100 casos por dia, 45 por hora e muitas mortes no Rio

Autoridades negam, mas epidemiologista afirma que o Rio já vive epidemia da doença

Até meados da semana passada, o número de registros de casos de dengue alcançou 1.100 por dia, cerca de 45 casos por hora. No total, segundo números oficiais, houve, até o dia 18, 20.269 casos de dengue, com 28 mortes, no Rio de Janeiro desde o início de janeiro.

Na opinião do epidemiologista da UFRJ, Roberto Medronho, a cidade já vive uma epidemia, pelos critérios da Organização Mundial de Saúde (OMS). Segundo a organização, o cálculo dos índices deve ser feito com base numa série histórica, desconsiderando os anos em que houve epidemias.

Pela série histórica, de acordo com Medronho, o máximo de casos esperados na cidade seria de 23,3 por cem mil habitantes. Com base neste cálculo, ele considera a situação do Rio grave desde janeiro: a taxa já era de 43,3 por mil habitantes em meados de março.

OMISSÃO

A prefeitura continua negando a existência de epidemia. O prefeito César Maia, com descaso típico, acha que a doença está em declínio. A Secretaria Municipal de Saúde afirma que o que existem são surtos de dengue em bairros, como Saúde, Santo Cristo, Bonsucesso, Jacaré e as regiões de Gardênia Azul, Curicica e Camorim, em Jacarepaguá.

Para o presidente do Sindicato dos Médicos, Jorge Darze, a responsabilidade é das três esferas, e já passou a fase de saber se o mosquito é municipal, estadual ou federal. "O combate é de todos e precisa ser contínuo, mas o poder público é negligente", diz ele. No Rio, o combate deveria ser feito o ano todo. O Ministério da Saúde informou que não tomará medidas específicas. Disse que desde ou-

tubro já oferece subsídio financeiro, político e administrativo e que as ações devem ser tomadas pelos governos estadual e municipal.

O governo estadual também não reconhece o problema na sua dimensão real.

PREVENÇÃO É O CAMINHO

Os hospitais públicos e privados estão lotados. É preciso esperar horas nas filas dos hospitais até

pe da Coordenação de Ações contra a Dengue em áreas vinculadas à Policlínica Regional Doutor Guilherme Taylor March, conhecida como "Dengódromo", especializada na doença e com atuação regional na Zona Norte de Niterói.

A prevenção, a seu ver, deveria ser feita sempre. Como foi feito em Niterói, com base em uma atuação conjunta da Supe-

ros, os índices não explodiram. "Havia a previsão de aumento de casos este ano. Em novembro, a gente começou a reunir equipes de saúde, para ações intersetoriais. Houve treinamento dos médicos de todas as especialidades e todos os profissionais em saúde", explica e especialista em Saúde da Família.

Houve, entre outras medidas, atuação em escolas, com premiação para as crianças que apresen-

lância. Telas na janela, Complexo B, repelentes não tóxicos (como o natural de andiroba), velas de andiroba e repelentes de tomada ou inceticidas são formas de prevenção. Mas as pessoas se locomovem. O mosquito não está só em casa. Está na escola, no trabalho, parques onde há plantas com água parada. A prevenção maior é eliminar os focos, não deixar água parada, colocar remédios e notificar.

Que sintomas podem antecipar um diagnóstico preventivo?

Dois sintomas que possam ser da dengue já colocam o caso como suspeito. Entre eles, dor de cabeça, febre, tonteira, dor abdominal, dor no corpo (a chamada dos nos ossos ou muscular), prostração, vômito, diarreia, enjôos, náuseas, manchas no corpo (petéquias), sangramentos.

Por que é preciso acompanhar por vários dias?

É outra medida importante: entre o terceiro e o sexto dia, o paciente tem que ser acompanhado pelo médico, porque, quando a febre baixa, é uma fase de mais risco.

Quando a febre cede, o paciente tem a sensação de que já está bem. Mas é preciso manter a observação, muito repouso e a hidratação e que volte a ser avaliado. A doença pode retornar, com risco de ter a forma hemorrágica.

Em casa, o que a pessoa pode fazer?

Como estão ocorrendo muitos casos, não é uma questão de ficar apavorado. De qualquer maneira, identificando sintomas, é preciso procurar

atendimento, passar por uma avaliação médica. Mas pode-se dar soro caseiro, bastante líquido, repouso, suspender o uso de aspirina e usar, para febre, Tylenol ou Novalgina. Deve-se lembrar que a dengue é uma virose e confunde-se com outras. O ideal é a reavaliação entre 24 e 48 horas e manter a observação constante.



que o paciente seja atendido. "Mesmo assim, é preferível procurar o hospital. O ideal é fazer a avaliação e estar sempre com acompanhamento e até, se for o caso, a internação antes que a situação se complique", alerta a médica Maria da Conceição Stern.

Especialista em Saúde da Família, Conceição Stern, é da equi-

rintendência de Campanhas de Saúde Pública, da Limpeza Urbana, reunindo associação de moradores e escolas, com orientação, informação e limpeza.

No fim do ano a Coordenação formou equipes para atuar no espaço público na Zona Norte e em áreas de risco em que, com isso e apesar de haver muitos ca-

ram trabalhos sobre dengue e até passeatas de mobilização e conscientização da população.

BATE-PRONTO COM MARIA STERN

O que fazer para evitar, em especial com as crianças?

Prevenir focos. Manter a região onde a criança está com mais vigi-

SITUAÇÃO ALARMANTE NA CIDADE

Armadilha mata-mosquito

Professor da UFRJ exhibe engenhoca que interrompe a reprodução do mosquito da dengue

Cícero Rabello

Num esforço para combater o mal, na palestra “Mitos e verdades sobre a dengue”, o professor e virologista Maulori Cabral, do Instituto de Microbiologia, apresentou a “mosquitoeira”, uma alternativa curiosa de controle patenteada pela UFRJ, que captura as larvas e interrompe a reprodução do mosquito.

Atraída pela água em evaporação, e na ausência de outros criadouros, a fêmea deposita seus ovos na armadilha. Transformados em larvas, estas descem por um funil e ficam impedidas de retornar por uma pequena tela. Na vasilha, sem poder sair, transformam-se em mosquitos que, presos ali, acabam morrendo.

O professor mostrou também como confeccionar a versão genérica do engenho, feita com garrafas PET de refrigerante. Apelidada de “mosquitérica”, a armadilha conterá a infestação de fato se fosse adotada em massa. Mas enquanto isso, é um detector de que há risco e é uma excelente ferramenta educativa.

O engenho é utilizado no programa educativo “Fuzuê”, apelidado pela variedade de atividades que apresenta, como seminários, vídeos e teatro — um projeto premiado pelo congresso de Extensão da UFRJ.

O projeto e a “mosquitérica” foram aplicados em escolas municipais de Macaé e Saquarema, com expressivos resultados na redução da infestação.

QUEM É O RESPONSÁVEL?
“Acredito que a dengue tem solução. Começa com uma mudança de atitude. Mas quem é o culpado dos casos de morte?”, provoca o professor.

Ele acredita que o fumacê, além de ser um crime contra a natureza, tende a ser ineficaz na medida em que o mosquito adquire resistência. Além disso, atua apenas no ambiente externo.

Os agentes de saúde, por sua vez, que atuam nas casas, aplicam larvicidas. Mas a larva é apenas um entre os estágios do ciclo de vida do mosquito, que tem quatro formas diferentes. O ovo, por exemplo, pode ficar vivo durante dois anos à espera de água para transformar-se em larva. Portanto, também não é uma solução. “O resultado é a dengue regular desde 1986”, lamenta Maulori, demonstrando que pouco adianta a adoção destes mecanismos se cada morador não eliminar criadouros dentro de casa. Ele acha que falta civilidade e atuação das pessoas de forma organizada.

Se o morador livrou-se de todos os criadouros em sua casa, ao adotar a “mosquitérica” e vê que há novas larvas, algum vizinho anda se descuidando da eliminação de focos.

“Se há vizinhos criando mosquitos como bichos de estimação, estes mesmos são os culpados pelas mortes”, diz Maulori, alertando: “o primeiro passo é assumir o compromisso de limpar a sua casa. Livrá-la de qualquer reservatório de água que sirva de criadou-

ro do mosquito. Depois use as “mosquitéricas”, que são armadilhas letais.”

CRIANÇAS SÃO VÍTIMAS

No mundo todo, 57% dos casos de dengue hemorrágica são em crianças de oito anos. As crianças estão em fase de crescimento, quando o corpo precisa fazer vasos sanguíneos. As células que dão origem aos vasos sanguíneos são justamente as que, nas palavras do professor, são “competentes” para a fabricação do vírus inoculado pelo mosquito.

A incidência em crianças vai ascendendo — 7% aos seis anos; 17% aos sete; até chegar a 57% aos oito anos, e depois começa novamente a descer para 17% aos nove anos e por aí vai. O mesmo raciocínio se aplica aos idosos, que tomam, em função de problemas cardíacos, medicamentos vasodilatadores: as células produzem vasos.

“Vamos viver sem dengue com atitudes civilizadas”, reivindica o virologista, avaliando que uma verdadeira comoção deve tomar a população. Ele cita como exemplo a atuação do Biólogo Emir Mercadante num condomínio de Vila Isabel, que conseguiu a adesão de todos os condôminos, que, com diversas iniciativas, contiveram a incidência do mosquito. Limparam calhas, adotaram telas nas janelas, visitaram vizinhos para orientar na adoção de medidas de prevenção, envolvendo até as crianças. “A dengue é uma doença de caráter educacional, se



ALERTA. Maulori disse que a população tem que se mobilizar como numa copa do mundo

resolve principalmente com educação”, resume Maulori.

LOCAIS INSUSPEITOS

O mosquito vive e se desloca na sombra, procura locais onde há água evaporando. Basta um cantinho com sombra e água fresca. É aí que a fêmea vai depositar seus ovos.

Piscinas, poças em praças ou valas ao sol, por exemplo, não são foco.

Além daquelas caixas em que a água fica parada e dos famosos pratinhos de vasos de plantas, outros locais absolutamente insuspeitos podem abrigar a larva:

- casca de ovo, tampas de garrafa, latinhas e copos de plástico (devem ser colocados em sacos plásticos fechados em uma lixeira tampada);
- ralos de cozinha ou banheiro que possam estar entupidos, vasos sanitários sem uso devem ser tapados;
- vasilhames para água de animais domésticos (devem ser esfregados com bucha uma vez por semana ao menos);
- bandeja embaixo da geladeira ou o balde que recebe a água que pinga do ar-condicionado.

UFRJ

Plano Diretor em discussão

Arquivo SINTUFRJ

Esta semana, duas reuniões dos colegiados apreciam as diretrizes gerais para elaboração do Plano Diretor da UFRJ: a do Conselho Superior de Coordenação Executiva (CSCE), na terça-feira, dia 25, e a do Conselho Universitário (Consuni), na quinta-feira, dia 27.

A Comissão de Assessoramento da Reitoria para formulação das diretrizes do Plano apresentou seu relatório aos membros do Conselho Superior de Coordenação Executiva na sessão do dia 18.

As diretrizes vão orientar a ação de um comitê técnico, com perfil profissional, que será nomeado para dar corpo e detalhar o Plano Diretor com metas até 2020. A Reitoria havia previsto apresentar tais diretrizes na sessão do Conselho do dia 27. O Consuni decidiu que o Plano

Diretor seja apresentado pela Reitoria ao colegiado até o dia 28 de abril.

O relatório extenso detalha em 38 páginas propostas de reestruturação e expansão com vistas à integração interna e externa da universidade, tanto do ponto de vista da infra-estrutura necessária quanto do ponto de vista acadêmico, porque prevê a aglutinação de grandes áreas de conhecimento, ultrapassando o conceito da reunião das ciências como nos atuais centros.

O documento sofreu uma série de críticas. Intensa polêmica tomou grande parte da reunião. A tal ponto que foi marcada uma reunião extraordinária do colegiado na próxima terça-feira, dia 25, para que uma versão mais sucinta seja apresentada para discussão. Antes

da sessão do Consuni.

O documento não foi aprovado, mas duas propostas complementares ganharam apoio da maioria dos presentes. Elas também serão submetidas à sessão especial.

O pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento, Carlos Levi, um dos membros da comissão, comentou que de fato um documento extenso gera muita discussão e que talvez fosse possível reduzir para que o foco estivesse no conjunto de prioridades. As propostas complementares definem prioridades de investimento e ações que orientarão o comitê técnico e dizem respeito ao complexo acadêmico com a reunião de atividades afins, segundo Levi, com grandes chances de convergir para uma versão final.



O Brasil, na visão de Stédile

Líder do MST, João Pedro Stédile expôs a trajetória do problema agrário no país desde o Descobrimento

Quem não assistiu à aula magna “Terra, saberes e democracia” proferida pelo dirigente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e economista, João Pedro Stédile, na quarta-feira, 19, às 10h, no auditório do Roxinho, perdeu a oportunidade de conhecer parte da história do Brasil – do período pré-colonial aos dias atuais. Com visão crítica, um dos principais líderes do movimento social do país explicou o sentido da luta histórica de homens, mulheres e crianças do campo pela realização da reforma agrária no país.

Na saudação ao convidado, o reitor Aloísio Teixeira afirmou que “a presença de João Pedro Stédile na instituição tem um efeito simbólico muito forte, porque é o reconhecimento da UFRJ de que não produzimos e dominamos todo o conhecimento”. Mais uma vez defendeu a necessidade de se derrubar o muro invisível que separa a Universidade do restante da sociedade e anunciou a criação, no espaço universitário, de um centro de estudos para os movimentos sociais.

“Agradeço a oportunidade por este espaço que vocês estão dando a uma representação do MST e da Via Campesina”, disse João Pedro Stédile à platéia formada na maioria por estudantes. “Mas espero que este convite, visto com estranheza pelos jornais, não atrapalhe a carreira acadêmica do professor Aloísio, que há muito tempo contribui com o MST”, completou Stédile em tom de brincadeira, fazendo alusão às matérias publicadas nos jornais criticando o convite da Universidade. “Esse comportamento da mídia nos ajuda a entender por que as elites construíram as universidades como gue-

tos para produzir sua ideologia e formar seus dirigentes”.

A QUESTÃO AGRÁRIA

A aula de história de Stédile durou mais de duas horas e foi encerrada com ele respondendo a várias perguntas de professores e estudantes. Ele começou sua explanação sobre a questão agrária em 1500. “A visão que prevalecia na época sobre a terra era que esse bem da natureza pertencia a todos, mas o país foi invadido por capitalistas europeus em busca de mercadorias para suprir as necessidades do capitalismo comercial. Eles trouxeram sua mão-de-obra – 4 milhões de africanos escravizados – para trabalhar em suas lavouras, destruíram as formas naturais de produção agrícola que existiam, mantiveram o monopólio da Coroa Portuguesa sobre a terra, mas deram concessões a capitalistas europeus para produção de novas mercadorias. Mas a forma “Plantation” do capitalismo comercial agrícola entrou em crise, por dois motivos: os escravos fugiam e na

Europa chegava a primeira etapa da industrialização com os trabalhadores assalariados”.

Segundo Stédile, até hoje vigora no Brasil a lei sobre carta criada em 1850 por D. Pedro II (Lei nº 601), que ditou as bases jurídicas para introdução do conceito de propriedade privada da terra (“há quatro gerações”). De 1875 a 1914 o país já contava com 1,6 milhão de famílias de camponeses pobres.

SUBMETIDA À INDÚSTRIA

A partir de 1930, continuou Stédile, quando a sociedade brasileira ingressa no capitalismo industrial, a agricultura passa a ser subordinada às necessidades da indústria, mas “os camponeses ainda tinham que oferecer mão-de-obra operária barata para as cidades”. Enquanto a reforma agrária tornava-se realidade em todos os países da Europa, Estados Unidos e no Japão, no pós-guerra, somente em 1961 ela volta a ser falada no Brasil. “O ministro do Planejamento de João Goulart, Celso Furtado, elabora projeto de lei que é anun-

ciado pelo presidente da República no comício de 13 de março de 1964 na Central do Brasil. Na avaliação de Furtado, o país só sairia da crise se fizesse a reforma agrária”.

Na análise de Stédile, o neoliberalismo foi assumido pelas elites brasileiras na década de 1990 como uma nova saída para a crise e porque também precisavam de um novo status. “Hoje”, afirmou o líder do MST, “a agricultura está sob o domínio do

capital financeiro internacional, que a controla, mas não depende dela. “Agora a luta no Brasil não é pela reforma agrária clássica de divisão de terras; mas de enfrentamento do domínio de transacionais como a Monsanto, Aracruz, Bunge, Nestlé, Bayer, porque o que está em jogo é a soberania do Brasil”, frisou.

AGRÁRIA POPULAR

João Pedro Stédile explicou para os atentos ouvintes do Roxinho o que é a reforma agrária popular que o MST e Via Campesina defendem. “Ela começa a partir da democratização da propriedade da terra e do acesso a esse bem da natureza que é de todos, e inclui a democratização da água. Não é possível que o banco Opportunit comprou mais terras no sul do Pará que as desapropriações feitas pelo governo nos últimos três anos, e que a Nestlé ganhe mais dinheiro vendendo água do que leite, e o lucro da Coca-Cola seja maior com água do que com o refrigerante”.

“A presença de Stédile na instituição tem um efeito simbólico muito forte, porque é o reconhecimento da UFRJ de que não produzimos e dominamos todo o conhecimento”

ALOÍSIO TEIXEIRA

Cícero Rabello

MST E UFRJ. O dirigente do MST, João Pedro Stédile, e o reitor Aloísio Teixeira, na mesa da aula magna da Universidade – evento que já se tornou uma referência todos os anos. A exposição de Stédile deu a dimensão do problema agrário no Brasil, uma espécie de câncer alimentado pelas elites e que transforma o país numa das sociedades mais desiguais do planeta

